Don Juan de Kolomea

sacher masoch

ANTIGONA

SACHER-MASOCH

DON JUAN DE KOLOMEA

EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA 1980

Título original: Don Juan de Kolomea
Tradutor: D. Luiz da Cunha
Capa: E. Medeia

EDIÇÕES ANTÍGONA
Apartado 4192 — 1504 LISBOA Codex

À GUISA DE INTRODUÇÃO

§ 1

«A base de toda a ciência reside no estudo e percepção do processo do pensamento.»

J. Dietzgen

Carta a Marx, comunicada por este a Kugelmann, 11 de Janeiro de 1868.

Ao debruçarmo-nos preguiçosamente sobre um ou outro livro, escolhido de forma distraída e mesmo leviana, raramente sentimos este sobressalto apaixonado ao longo das linhas trabalhadas por mão que empunhou o escopro com delicada sabedoria.

O olhar indiferente transforma-se em observação atenta, e a força mágica do texto em amante poderoso.

Leopold von Sacher-Masoch, foi capaz, mais do que todos os homens, de criar uma literatura cúmplice duma vida procurada literariamente.

Tornou-se conhecido mundialmente através do infeliz e reaccionário termo masoquismo, substituto moderno de algolagnia, contra o qual sempre se insurgiu e lutou; obra dum compatriota e contemporâneo psicopatologista-polícia de nome Krafft--Ebing. Admirado ou mal compreendido nas vastas obras publicadas, onde brilha feericamente a «sua Vénus», Sacher-Masoch é a procura irrequieta e subversiva da libertação do prazer nos complexos caminhos onde o seguimos no desemaranhar deste fio de Ariana.

Defendeu com forteza a sua paixão e o desfrutar das suas vontades; e, nesta corajosa aventura, experimentou com deleite na vida-homem a invenção maravilhosa da vida-literatura.

D. Juan de Kolomea ignorado entre tantas outras produções Tenóricas, de Tirso de Molina a Mozart, é das mais violentas e anatemáticas personagens que se puderam, até hoje, construir e realizar.

Levando consigo o desejo do gozo sem limites na sua forma mais profunda, o amor, luta desesperado contra as violentações sociais, assumindo-as como livre-escravo a que todos estamos sujeitos sem a

destruição do logro em que vivemos. E — sinistro destino — aquilo a que o sistema mercantil torpemente o condena, a paternidade, é a negação do seu amor, do Amor.

Execrável sociedade que incapaz de resolver as suas próprias contradições e impossibilitada de viver a totalidade dum momento, prolonga-as, medíocre guinhol, nessa estúpida e ridícula ilusão.

Soframos, pois, com Sacher-Masoch, a descida aos infernos do desespero deste D. Juan, de Kolomea, que como Quixote, luta — homem perdido, porque só — contra reais moinhos que se alimentam do sangue daqueles que tendo uma consciência parcial, subjectiva, do seu mal-estar, são incapazes de ser consciência total, objectiva, do mundo.

Quando a crítica não ultrapassa a simples negação de uma parte, quando se não dirige para a totalidade, nunca poderá superar o que nega. O fracasso é a sua condenação pela História, como o prova o carácter pequeno-burguês, reaccionário, dos partidos-ditos-revolucionários.

D. Juan é o resultado desta contradição, e o sofrimento deste homem é resolvido na forma social da libertinagem.

Escravo último da ordem burguesa, o seu único sonho é uma bem possível rea-

lidade: a destruição desta mesma ordem com tudo aquilo que ela representa.

Só mais um esforço, D. Juan, para ser revolucionário! Ah! Ah! Ah!

§ 2

«Ah cavalheiros! Quanto mais penso na vossa civilização burguesa, mais ela me enoja!»

M. Bakounine

Necrologia de Alexandre Herzen,
6 de Fevereiro de 1870.

Ao adormecido leitor português, para quem Sacher-Masoch tem pouco significado — praticamente sem tradução dos seus escritos — esta pequena narrativa vem, quiçá, acordá-lo para as andanças do mundo e para as desrespeitosas e malditas paixões que lhe são narradas.

Em Kolomea, longe geograficamente, o tema, universal, são os destinos e a loucura dos homens. Em Portugal — tristeza — a dimensão trágica da história deu lugar a interminável comédia, festejada em bacanais sombrios de família.

D. Juan Lusitano, desloca-se penosamente seguido em préstito solene, à moda de procissão minhota, da esposa, da prole e da sinistra e nefasta persona — negra, velha, madre dum dos elementos do casal — que lembra fatidicamente o contínuo processo da miséria e da frustração.

D. Juan intelectual, viscoso da sua masturbação beata no ventre familiar, vive aborrecido os acontecimentos permitidos pelo sistema na sua forma mais acabada, o espectáculo.

O de Kolomea, apresenta dolorosa e tragicamente as contradições do seu drama; este, o Lusíada, esconde cobardemente, da mulher e da mãe, as suas desgraças marialvas.

E, toda a canalha leninista, trotskista, anacrónica-surrealista, pró-situ em atraso, esquerdista, fiel malsim da recuperação, de pobre cultura encontrada em medíocres traduções ou em pseudónimos baratos (Mao, Staline e outros), vai arrastando a sua indigência macho-intelectualizada. Recita nos túmulos de que são assíduos frequentadores, em Leneias sombrias, as palavras de ordem há muito esquecidas pelo tempo, porque simplesmente ultrapassadas por novos tempos.

Fétidos cadáveres transportando sobre os ombros o anátema do ridículo e da impotência!

Permitimo-nos nesta breve introdução deslizar da obra e do homem, para os múltiplos e complexos problemas postos em cada instante de escolha vivida.

Toupeiras negras sabotadoras do mundo existente, recusamos em bloco esta sociedade e todos aqueles que a representam total ou parcialmente.

E, permitimo-nos mais ainda...

K.,
Sine Nomine Vulgos.

DON JUAN DE KOLOMEA

I

Tínhamos deixado Kolomea de carruagem para nos dirigirmos ao campo. Era uma sexta-feira à noite. «Sexta-feira boa cabeceira», diz o provérbio polaco. O meu cocheiro alemão, um colono de aldeia de Mariahilf, sustentava, pelo contrário, que a sexta-feira era de mau agoiro, pois nesse dia morrera Nosso Senhor na cruz. Foi o meu alemão que teve razão desta vez. Uma hora depois, encalhámos num piquete da guarda rural. «Alto! Passaporte!»

Parámos; e o passaporte?! Os meus documentos estavam em ordem, mas ninguém se preocupara com o meu suábio. Lá estava ele na boleia como se os passaportes tivessem ainda de ser inventados, fazendo estalar o chicote e levando uma vez mais a acendalha ao cachimbo. É claro, podia ser um conspirador. A sua cara inso-

lentemente sonsa parecia provocar os camponeses russos. Passaporte é que não tinha. Encolheram os ombros. «Um conspirador!, rosnou um deles.

— Então amigos! Olhem bem para ele.» Tempo perdido! «É um conspirador».

O meu suábio mexe-se no assento com um ar embaraçado, arranhando umas palavras em russo. Nada a fazer. A guarda rural está consciente dos seus deveres. Quem ousaria untar-lhe as mãos? Eu não. Agarram-nos e conduzem-nos à estalagem mais próxima, situada aí a uns cem passos.

De longe, parecia haver clarões a passear em frente da casa: era a foice, convertida em baioneta, de uma sentinela. Mesmo por cima da chaminé, aparecia a lua que olhava o camponês com a sua foice e espreitava pela janelita da estalagem, espalhando os raios como esmolas e argentando os charcos diante da porta, para atormentar o judeu avaro — quero dizer, o estalajadeiro que nos recebeu de pé na soleira e nos manifestou a sua alegria por uma espécie de lamentação monótona. Gingava o corpo como os patos. Aproximando-se de mim, fez-me, com um beijo, uma nódoa na manga direita e depois na esquerda também, e começou a descompor os camponeses por terem detido um *senhor* como eu, um senhor que tinha de certeza uma alma negra e amarela; seria capaz de o jurar sobre a Thora... e vociferava

e irritava-se como se tivesse sido ele pessoalmente vítima de um ataque inaudito.

Deixei o meu suábio com os cavalos, vigiado de perto pelos camponeses, e fui para a sala comum estender-me no banco corrido que circundava o imenso fogão. Depressa me aborreci. O amigo Mochkou estava muitíssimo ocupado a servir aguardente e atoardas aos hóspedes. Só duas ou três vezes aterrou ao pé de mim saltando como uma pulga por cima do amplo aparador e aí estacou, esforçando-se por entabular uma conversa política e literária. Não morri da doença, mas ia morrendo da cura.

Pus-me a examinar o compartimento em que me encontrava. O tom preponderante era o verdete. Um candeeiro a petróleo, alimentado com parcimónia, espalhava sobre os objectos uma luz esverdinhada; mofo verde atapetava as paredes, o vasto fogão quadrado parecia envernizado com verdete, tufos de musgo cresciam entre os tacos do soalho — uma borra verde nos copos de bagaço, verdete autêntico nas pequenas canecas de cobre por onde os camponeses bebiam indiscriminadamente, diante do aparador, para cima do qual atiravam os seus patacos. Uma vegetação glauca invadira o queijo que Mochkou me trouxe. A mulher deste estava sentada por detrás do fogão, de roupão amarelo com ramagens verde-claro, ocupada a embalar o filho de um verde desmaiado. Verdete na

pele encardida do judeu, à volta dos seus olhinhos inquietos, das narinas palpitantes, nos cantos azedos da boca escarninha! Há caras assim, que enverdecem com o tempo, como o cobre velho.

O aparador separava-me dos comensais, na grande maioria camponeses dos arredores que se acotovelavam à roda de uma mesa comprida e estreita. Conversavam em voz baixa, encostando as cabeças lãzudas, tristes, manhosas. Um pareceu-me ser o *diak* (o chantre da igreja). Ocupava a cabeceira, ostentava uma grande caixa de rapé de que só ele se servia, não permitindo intimidades, e lia aos camponeses um velho jornal russo meio podre e esverdeado; tudo isto sem barulho, gravemente, dignamente. Lá fora, a guarda cantava um refrão melancólico cujos sons pareciam vir de muito longe, pairando à volta da estalagem como espíritos que não ousassem penetrar no meio destes vivos sussurrantes. Pelas fendas e aberturas, a melancolia insinuava-se sob todas as formas: mofo, luar, canção. O meu tédio ia-se convertendo também em melancolia, nessa melancolia que caracteriza a nossa raça e que é toda feita de resignação e fatalismo. O chantre tinha chegado às mortes da semana e aos valores da bolsa quando lá fora se ouviu, de súbito, o estalar de um chicote, um tropel de cavalos e vozes confusas. Depois, silêncio; em seguida, uma voz estrangeira que veio misturar-se às

dos camponeses. Era uma voz de homem, uma voz que ria, como que cheia de uma música alegre, franca, soberba e que não temia aqueles a quem se dirigia. Aproximava-se cada vez mais até que, por fim, um homem transpôs a soleira da porta.

Soergui-me, mas não pude aperceber-me do seu tamanho invulgar, pois entrava às arrecuas, parlamentando sempre com os camponeses num tom de gracejo. «Olhem que isto! Meus amigos, façam-me lá o obséquio de me reconhecerem! Será que tenho aspecto de emissário? Será possível que o comité nacional se passeie na estrada imperial puxado por quatro cavalos e sem passaporte? Vadiará ele por aí de cachimbo na boca como eu? Irmãos, façam-me o obséquio de ser razoáveis!»

Assomaram à porta várias cabeças de camponeses e outras tantas mãos que coçavam queixos, o que queria dizer: eis um obséquio, irmão, que não te faremos.

«Então vocês não querem reconsiderar... por preço algum?

— Impossível.

— Mas então eu sou um polaco? Vocês querem que o meu pai e a minha mãe se revolvam no túmulo, no cemitério russo de Czerneliça? Será que os meus antepassados não combateram os polacos no tempo do Cossaco Bogdan Khmielnięki? Não o acompanharam quando os foi cercar em Zbaraz, onde estavam acampados, deitados, sentados ou de pé conforme lhes dava

na real gana? Vamos lá a ver, façam-me esse obséquio, deixem-me partir...

— Impossível!

— Mesmo tendo o meu bisavô participado no cerco de Lemberg sob as ordens do hetman Dorozenko? Asseguro-vos que, na altura, as cabeças dos fidalgos polacos não valiam mais do que peras. Mas acabemos com isto e saudinha!

— Impossível!

— Deveras impossível? A sério?

— A sério.

— Tanto pior. Saudinha ainda assim!»

O estrangeiro resignou-se sem queixumes. Entrou, inclinou ligeiramente a cabeça em resposta aos salamaleques do judeu e sentou-se diante do aparador, de costas para mim. A judia mexeu-se, olhou-o, pousou o filho adormecido em cima do fogão e aproximou-se do aparador. Outrora devia ter sido bela, quando Mochkou a desposara. Agora havia nas suas feições qualquer coisa de singularmente áspero. A dor, a vergonha, os pontapés e as chicotadas cinzelaram durante muito tempo esta raça até imprimirem nas suas caras esta expressão simultaneamente ardente e murcha, triste e trocista, humilde e rancorosa. De costas arqueadas, as mãos finas e transparentes brincando com uma taça, os olhos dela pousaram no recém-chegado. Desses grandes olhos negros e húmidos escapava-se uma alma de fogo que tal

como um vampiro saindo de um túmulo se foi fixar na bela face do estrangeiro.

Era verdadeiramente belo.

Debruçou-se sobre a mesa na direcção dela e entregou-lhe algumas moedas de prata, pedindo uma garrafa de vinho. «Vamos lá», disse o judeu à mulher.

Curvou ainda mais as costas e afastou-se de olhos fechados como uma sonâmbula. Mochkou, dirigindo-se a mim, ciciou: «É um homem perigoso, um homem muito perigoso!» E abanou prudentemente a pequena cabeça onde pequenos caracóis negros se amontoavam na testa.

Acabou por chamar a atenção do estrangeiro que, virando-se repentinamente, me descobriu, tirou o gorro de pele de carneiro e se desculpou com muita polidez. Retribuí-lhe o cumprimento. A afabilidade russa encarnou-se a tal ponto na linguagem e nos costumes que é quase impossível ir, por um esforço individual, além da ternura insinuante das frases consagradas.

Não obstante, saudámo-nos ainda com mais polidez do que é hábito. Quando acabámos de nos proclamar reciprocamente os nossos muito humildes criados e de «cair aos pés» um do outro, o homem perigoso sentou-se à minha frente e pediu licença, «por misericórdia», para encher o seu cachimbo turco. Os camponeses já estavam a fumar, o *diak* fumava, até o fogão tinha entrado na dança; podia eu privá-lo da cachimbada? «Estes camponeses! exclamou

ele alegremente; diga-me, era o senhor capaz de me pregar a partida de a cem passos me confundir com um polaco?

— Não, concerteza.

— Ora aí está, irmão, bradou ele cheio de gratidão, mas tente enfiar isso na cabeça ali daqueles!» Tirou da algibeira do colete uma pedra, pousou nela um bocado de acendalha e pôs-se a friccionar o isqueiro com a navalha.

«No entanto, o judeu chama-lhe homem perigoso.

— Pois é...» Olhou a mesa, sorrindo por entre as barbas. «O que o amigo Mochkou quer dizer é: para as mulheres. Notou como pôs a dele daqui para fora? Uma mulher inflama-se tão facilmente...»

A acendalha inflamava-se também. Levou-a ao cachimbo e em breve ficávamos envolvidos por nuvens azuladas. Baixara modestamente os olhos e sorria sempre. Pude observá-lo à vontade. Era, evidentemente, um proprietário pois apresentava-se impecavelmente bem posto. A bolsa de tabaco estava ricamente bordada. Tinha maneiras de fidalgo. Devia ser dos arredores, ou pelo menos da circunscrição de Kolomea, pois o judeu conhecia-o. Era russo, como acabava de declarar — aliás, não suficientemente falador para poder ser polaco. Era um homem que podia agradar às mulheres. Nada desse vigor pesadão, dessa solidez brutal que em outros povos eslavos passa por virilidade: possuía uma

beleza nobre, esbelta, graciosa. Mas dos seus movimentos ressaltavam também uma energia elástica e uma tenacidade a toda a prova. Cabelos castanhos e lisos, uma barba espessa, curta e ligeiramente encaracolada, ensombravam uma cara harmoniosa e crestada pelo vento. Já não era nenhum jovem, mas tinha olhos azuis cheios de alegria, olhos de criança. Uma bondade, uma afabilidade inalterável espalhava-se numa fisionomia trigueira e adivinhava-se nas linhas numerosas que a vida burilara nesta cara máscula.

Levantou-se e percorreu várias vezes a sala em grandes passadas. Com a calça tufada metida nas botas macias de couro amarelo, os rins cingidos por uma faixa de cores vivas sob um amplo casacão aberto à frente, a cabeça coberta com um gorro de peles, assemelhava-se a um desses velhos boiardos, tão sábios quão bravos, que tinham assento no conselho dos príncipes Vladimir e Jaroslav ou iam à guerra com Igor e Roman. Claro que podia ser perigoso com as mulheres, disso não havia dúvida. Ao vê-lo assim com um sorriso nos lábios, passear-se de um lado para o outro, até eu sentia prazer.

A judia voltou com a garrafa pedida, pousou-a na mesa e tornou a sentar-se por detrás do fogão, com os olhos obstinadamente fixos nele. O meu boiardo aproximou-se, olhou a garrafa. Parecia preocupado. «Um copo de tokai, diz rindo, é

ainda o que há de melhor para substituir o sangue quente de uma mulher.» Levou a mão ao coração como se quisesse comprimir uma palpitação.

«Tinha talvez...?» Parei, temendo ser indiscreto.

«Um encontro? Precisamente.» Piscou os olhos, chupou extensas baforadas do cachimbo, abanou a cabeça. «E que encontro! Não sei se me entende? Posso dizer que sou feliz com as mulheres, extraordinariamente feliz. Se me largassem no céu, no meio das santas, em breve o céu se tornaria... que Deus me perdoe o pecado! Acredite no que lhe digo por favor!

— Naturalmente que sim.

— Bom, olhe, nós temos um provérbio: «O que não dizes ao teu melhor amigo nem à tua mulher, di-lo-ás a um estrangeiro na estrada real.» Desarrolha a garrafa Mochkou, dá-nos dois copos e o senhor, por misericórdia, beba comigo e deixe-me contar-lhe as minhas aventuras, aventuras raras, preciosas como os manuscritos de Golias o Filisteu — já não digo como os dinheiros de Judas Escariote, pois tenho visto tantos nas igrejas da Rússia e da Galícia que começo a pensar que ele não fez um negócio tau mau como isso... Mas onde é que Mochkou se meteu?»

O taberneiro chegou aos saltinhos, arrastou duas ou três vezes o pé esquerdo, tirou um saca-rolhas do bolso, raspou a cera do gargalo, soprou-lhe, meteu a garrafa entre os joelhos magros e desarrolhou-a lentamente, com caretas horríveis. Soprou ainda uma última vez a garrafa por descargo de consciência e deitou o tokai alourado nos dois copos mais limpos que um filho de Israel pode tolerar. O estrangeiro levantou o seu: «À sua saúde!» Era sincero, pois esvaziou o copo de um único trago. Não era o que se podia chamar um bebedor pois não saboreara nem estalara a língua antes de beber.

O judeu olhava e disse-lhe timidamente: «É muita honra para nós que o senhor benfeitor nos visite, e que saúde magnífica! Sempre na brecha!» Para sublinhar esta apreciação, Mochkou adoptou um ar leonino, abrindo os braços descarnados e sapateando em cadência. «E como vão a senhora benfeitora e os queridos meninos?

— Bem, sempre bem.»

O meu boiardo encheu um segundo copo e esvaziou-o, mas de olhos baixos, como que envergonhado. O judeu já estava longe, quando me lançou um olhar embaraçado e vi que estava todo corado. Manteve-se em silêncio durante algum tempo, com o cachimbo fumegante entre os dentes e enchendo-me o copo. Por fim recomeçou em voz baixa: «Devo parecer-lhe bastante ridículo. O senhor está a dizer com os seus botões: Então não é que o velho tolo, com mulher e filhos, está a querer contar-me as suas façanhas amorosas? Suplico-lhe, não diga nada, sei bem que é assim; mas

primeiro, veja o senhor, sente-se prazer em falar com um estrangeiro e depois, desculpe-me, é esquisito, as pessoas encontram-se e talvez nunca mais se voltem a ver e, no entanto, a gente preocupa-se com a opinião que o outro poderia levar de nós... comigo pelo menos é assim. A verdade — não quero pintar-me melhor do que aquilo que sou — é que não sou insensível à gloríola. Creio que ficaria desolado se permanecessem ignorados os meus sucessos. Porém, esta noite fui ridículo.» Quis interrompê-lo. «Deixe, prosseguiu, é inútil. Sei o que digo, pois não conhece a minha história. Toda a gente a conhece aqui, mas o senhor ignora-a. Tornamo-nos vaidosos, ridiculamente vaidosos, quando agradamos às mulheres: gostar-se-ia de ser admirado... nas estradas atira-se dinheiro aos mendigos e nas tabernas confidências aos estrangeiros. Agora mais vale contar-lhe tudo; tenha a bondade de me escutar. Há qualquer coisa em si que me inspira confiança.»

Agradeci-lhe.

«Pois bem... Aliás, o que poderíamos fazer aqui? Nem um baralho de cartas há. Talvez esteja a proceder mal... e depois bolas! Mochkou mais uma garrafa de tokai... Agora ouça.» Apoiou a cabeça nas mãos em profunda meditação. O silêncio reinava na sala. Lá fora, ressoava o canto lúgubre da guarda rural, quer parecendo vir de longe como um lamento fúnebre, quer de

muito perto de nós e muito baixo, como se a alma do estrangeiro se estivesse exalando em vibrações dolorosamente alegres.

«É então casado?, perguntei-lhe por fim.

— Sim.

— E feliz?»

Desatou a rir. O riso era franco como o de uma criança. Não sei porquê tive calafrios. «Feliz! diz ele. Que quer que lhe responda? Faça-me o favor de reflectir nesta palavra, a felicidade. O senhor é agrónomo?

— Não.

— No entanto, deve conhecer um pouco a economia rural? Pois bem, a felicidade, veja o senhor, não é como uma aldeia ou um senhorio que nos pertencesse, é como uma quinta — compreenda-me bem, peço-lhe — como uma quinta. Os que querem estabelecer-se nela para toda a eternidade, devem respeitar o afolhamento e estrumar os campos e cuidar da mata e semear viveiros ou construir estradas — agarrou a cabeça com as mãos. Santo Deus! Fazem como se penassem pelos filhos. Pelo contrário, trate de se governar e não deixe para amanhã o que pode fazer hoje: canse a terra, devaste a floresta, deixe os prados ao Deus dará, que a erva cresça nos caminhos e celeiros e quando tudo estiver estragado e o estábulo ameaçar ruína, muito bem, e o sótão também, melhor ainda! E se for a casa então perfeito! A isso se chama gozar a vida... Eis a feli-

cidade! Folguemos!» A segunda garrafa foi desarrolhada e apressou-se a encher-nos os copos. «O que é a felicidade?, exclamou ainda. É um sopro, veja, olhe, onde está agora?» Mostrou com o dedo o ligeiro vapor que, ao sair-lhe dos lábios, se ia dissolvendo. «É este canto que está a ouvir, que flutua no ar e se desvanece e se perde para sempre na noite.»

Calámo-nos ambos durante alguns minutos. Por fim recomeçou: «Desculpe, é capaz de me dizer porque é que todos os casamentos são infelizes, ou pelo menos a maior parte?... Não tenho razão? Sim... Pois bem, é um facto. Eu digo que é preciso suportar o que é fatal, o que é próprio da natureza, como o inverno, ou a noite, ou a morte. Mas haverá um fado que exija que os casamentos sejam em geral infelizes? Trata-se de uma lei da natureza?» O meu homem punha nestas interrogações todo o ardor do sábio que procura a solução de um problema. Olhava-me com uma curiosidade infantil. «Que impede então que os casamentos sejam felizes?, continuou ele. Irmão, é capaz de mo dizer?»

Respondi uma banalidade. Interrompeu-me, desculpou-se e retomou o seu discurso. «Perdoe-me, isso são coisas que se lêm nos livros alemães. É muito bom ler, mas ganha-se o hábito das frases feitas. Eu também poderia dizer: «A minha mulher não correspondeu às minhas aspirações», ou então: «Como é triste não se ser

compreendido! Não sou um homem como os outros. Não encontro mulher capaz de me compreender e continuo a procurar.» Tudo isto, veja o senhor, são maneiras de falar, mentiras!» Encheu outra vez o copo. Tinha os olhos brilhantes, a língua solta, as palavras jorravam em catadupa. «Pois bem, senhor, o que é que arruína o casamento? perguntou ele, fincando as mãos nos meus ombros como se quisesse apertar-me contra o peito. Senhor, são os filhos.»

Fiquei surpreendido. «Mas, caro amigo, repliquei, veja este judeu e a mulher; não são eles miseráveis que baste? E pensa que se não fossem os filhos não iria cada um para seu lado, como os animais?»

Abanou a cabeça e levantou da mesa as mãos estendidas como para me abençoar. «É como lhe digo, irmão, é assim e mais nada. Escute a minha história.»

II

Aqui onde me vê, fui um grande inocente. Como é que hei-de dizer? Um verdadeiro tolo. Tinha medo das mulheres. A cavalo era um homem. Ou então agarrava na espingarda e esquadrinhava a região, sempre por montes e vales. Quando encontrava o urso, deixava-o aproximar-se e dizia-lhe: Upa, irmão! Ele erguia-se, tão perto que lhe sentia o bafo, e metia-lhe uma bala na mancha branca, no meio do peito. Quando porém via uma mulher evitava-a: a dar-se o caso de ela me dirigir a palavra, corava, balbuciava... um verdadeiro tolo, senhor. Continuava a pensar que uma mulher tinha os cabelos e a roupa mais compridos do que nós e é tudo. Sabe como as coisas se passam aqui; nem os criados nos falam disso, e crescemos até quase ter barba sem sabermos porque é

que o coração palpita quando nos encontramos com uma mulher. Um verdadeiro tolo, digo-lho eu! Quando soube pareceu-me ter descoberto a América. De repente, não sei como, fiquei apaixonado. Mas estou talvez a aborrecê-lo?

— Pelo contrário! Faça o favor...

— Bom, Fiquei apaixonado. Meteu-se na cabeça do meu pobre pai ensinar-nos a dançar. Mandou-se vir um francezito com um violino e foram chegando os proprietários das redondezas com os filhos e filhas. Eram convivas muito alegres e nada acanhados. Toda a gente se conhecia e ria, só eu tremia. O francezito não está com meias medidas, alinha os pares, agarra-me pela manga e deita também a unha a uma menina do nosso vizinho, uma criança. Ela tropeçava ainda no vestido comprido e tinha tranças louras que lhe desciam pelas costas. Eis-nos alinhados; era ela que me segurava a mão, pois eu estava como morto. Dançámos também. Não a olhava. As nossas mãos queimavam uma na outra. No fim, ouço o sinal, cada um coloca-se em frente da sua dama, bate os tacões, deixa cair a cabeça para o peito como se lha tivessem cortado, arqueia o braço, pega na ponta dos dedos do respectivo par e beija-lhe a mão. Todo o sangue me subiu à cabeça. Ela fez-me a reverência e quando a fitei estava toda corada e tinha uns olhos! Ah! que olhos!» — Ele fechou os seus e reclinou-se para trás — «Bravo, senhores!» Acabara-se. Dancei com ela o resto da noite.

Era filha de um proprietário da vizinhança. Bela? Fiquei sobretudo impressionado com a sua distinção. As lições continuaram uma vez por semana. Nem sequer lhe falava, mas quando ela dançava a cossaca, com o braço gentilmente apoiado na anca, devorava-a com o olhar e se calhava ela reparar em mim punha-me a assobiar e desaparecia. Os outros jovens lambiam-lhe os dedos, arranjavam entorses só para lhe apanharem o lenço do chão. Ela, atirava as tranças para trás das costas e procurava-me com os olhos. De início, afoitava-me a iluminar-lhe as escadas, e parava no último degrau. Ela agasalhava-se, baixava o véu, saudava toda a gente com a cabeça — o ciúme rasgava-me o peito e quando as campainhas já tilintavam longe, ainda eu estava no mesmo sítio armado com o castiçal, de vela a escorrer. Um verdadeiro tolo, não é verdade?

Depois, as lições findaram e estive muito tempo sem a ver. Acontecia-me acordar de noite a chorar sem saber porquê. Decorava versos que recitava ao meu guarda-fatos ou então agarrava numa guitarra e cantava, a tal ponto que o nosso velho cão saía de debaixo do fogão, levantava o focinho para o céu e uivava.

Veio a Primavera e tive vontade de ir à caça. Errava pela montanha e acabava de deitar-me nas faldas de um barranco

bem à minha vontade; de repente, ouço um estalar de ramos e diviso um urso enorme que se aproxima suavemente da mata. Fico calado. A floresta estava silenciosa. Um corvo passou-me rente à cabeça crocitando. Senti medo: fiz um grande sinal da cruz sem já sequer respirar. Quando o urso se afastou enfim, dei às de vila-diogo.

Passou-se isto no mês da feira. Desculpe contar-lhe estas coisas a trouxe-mouxe. Dirijo-me portanto à cidade e, vagueando entre as barracas, vejo-a lá também. Esqueci-me de lhe dizer o nome dela: Nicolaïa Senkov. Tinha agora um andar de rainha. As tranças já lhe não desciam pelas costas, estavam apanhadas e formavam uma espécie de coroa de ouro. Caminhava com uma leveza adorável, meneava-se, imprimindo ao vestido ondulações feiticeiras. A feira lá ia como de costume. Que algazarra! Os camponeses que se arrastam nas pesadas botas, os judeus que arremetem esgueirando-se na multidão, toda esta turba ralha, lamenta-se, ri; os garotos compraram assobios e assobiam. Mesmo assim ela viu-me imediatamente. Eu, faço das tripas coração, procuro à minha volta, e digo cá comigo: vais oferecer-lhe aquele sol... Peço desculpa, era um sol em broa de mel, magnificamente dourada; mesmo de longe chamava a atenção, com olhos arregalados como os do nosso abade quando tem de enterrar alguém de graça. Bom! Ganho

coragem como um verdadeiro diabo, vou lá, entrego um pataco, toda a minha fortuna, e compro o sol; depois, em grandes passadas agarro a menina pela aba do vestido — uma inconveniência, mas é assim que se é quando se está verdadeiramente apaixonado — retenho-a pois, e apresento-lhe o meu sol. Que pensa que ela fez?

— Disse-lhe obrigado?

— Obrigado! Desatou às gargalhadas nas minhas barbas, e o pai também, e a mãe, e as irmãs, e as primas, todos os Senkov sem excepção riem às bandeiras despregadas. Julguei-me ainda no barranco com o urso. A minha vontade era enfiar-me num buraco, mas tive vergonha, e os Senkov sempre a rir. É que eles são ricos e nós pouco mais do que remediados. Então meto as mãos nos bolsos e digo: «*Pana* Nicolaïa faz mal em rir-se dessa maneira. O meu pai só me deu esta moeda para vir à feira, ofereci-lha como um príncipe ofereceria uma aldeia. Assim tenha a bondade...» Não pude acabar, as lágrimas sufocavam-me. Um verdadeiro tolo, hein?... Mas *pana* Nicolaïa pega no sol com as duas mãos, encosta-o ao peito e olha-me; os seus olhos eram tão grandes, tão grandes que me pareceram mais vastos do que o universo e tão profundos que atraíam como o abismo. E implorava-me, implorava-me com o olhar... dei um grito: «Que tolo sou, *pana* Nicolaïa! Gostaria de desprender o sol do céu, o verdadeiro sol de

Deus Nosso Senhor para o depor aos seus pés. Ria-se, ria-se de mim!» Neste momento passa a *britchka* de um conde polaco, atrelada a seis cavalos, o conde no assento, de chicote ao alto, furando através de toda esta multidão. Onde é que já se viu? As mulheres gritam, um judeu estatela-se no chão, os Senkov fogem, só Nicolaïa permanece imóvel, nada mais fazendo do que estender o braço para os cavalos. Agarro-a, arrasto-a; ela envolve-me com os braços. Toda a gente protesta; eu estava capaz de pular de alegria com o meu fardo. A *britchka* desaparecera porém, tive de a pousar no chão. Que doce instante! E esse polaco de má morte ir assim aquela velocidade!... Mas estou a contar-lhe tudo isto à toa; serei breve...

— Não, não, continue assim, peço-lhe. Nós, os russos, gostamos de contar e de ouvir contar.» Estendi-me no banco. Ele despejou o cachimbo e encheu-o de novo.

«Demais a mais, disse ele, pouco importa. Estamos aqui a ferros... Ouça então a continuação da minha história. O polaco tinha-nos separado do resto da família; os Senkov haviam-se dispersado pelos quatro cantos da feira. *Pana* Nicolaïa enfiara muito gentilmente o braço no meu e conduzi-a para junto dos seus, o mesmo é dizer que eu prescrutava a multidão para os ver ao longe e assim os evitar. Levanto a cabeça, altivo como um cossaco, e conversamos. De que falávamos nós? Olha

uma mulher a vender cântaros; a *pana* acha que os cântaros de barro são melhores para a água, enquanto eu assevero que para a água bons são os de madeira; ela elogia os livros franceses, eu os alemães; ela os cães, eu os gatos; contradizia-a para a ouvir falar: que música a daquela voz! Os Senkov acabaram por me cercar como a uma peça de caça, impossível escapar-lhes: acho-me cara a cara com o pai que quis regressar de imediato a casa. Bom! Recobrara o sangue frio; fiz voz grossa ao chamar o cocheiro e indiquei-lhe o destino. Ajudo primeiro a senhora Senkov a subir para a carruagem, empurro o pai Senkov lá para dentro, assim, por detrás, e levo logo um joelho a terra para que Nicolaïa possa pousar o pé no outro e salte para o respectivo lugar. Em seguida as irmãs — ainda uma meia dúzia de mãos a beijar e bate lá, ó cocheiro!

Oh! Sim, esta feira! Nela me vendi. A partir daí errei como um cão que perdeu o dono. Também eu andava transviado. No dia seguinte montei a cavalo e fui visitar a aldeia dos Senkov. Fui bem recebido. Nicolaïa estava mais séria do que o costume, derrubava a cabeça. Também comecei a ficar triste. «Então que tens?, pensei eu. Sou teu, a tua coisa; porque não ris?» Multipliquei as visitas. Um dia, detendo-a: «Permita-me que deixe de mentir.» Olhou-me espantada. «Mentir, você!? — Sim. Estou sempre a declarar-me o seu lacaio

e a dizer que «caio aos seus pés», e, no entanto, não o sou nem o faço. Não posso continuar a mentir!» E, asseguro-lhe, deixei de mentir. Pouco tempo depois o meu pai, esse velho cossaco, dizia aos criados: «Este cavalheiro tornou-se devoto, ganhou nódoas nos joelhos.»

A aldeia dos Senkov ficava mais próxima da montanha do que a nossa. Eles tinham grandes rebanhos a pastar perto da floresta. O pascigo estava rodeado por uma boa cerca. À noite, os pastores acendiam grandes fogueiras; estavam armados com paus ferrados e até com uma velha espingarda de caça e possuíam vários lobos da Alsácia. Tudo isto porque a montanha não era longe. Os lobos e os ursos passeavam-se aí como as galinhas e multiplicavam-se como os judeus.

Entre os cães havia um lobo da Alsácia que se chamava Carvão. Era negro, negro, e tinha uns olhos que chispavam como brasas. Era o grande amigo da minha... que estou a dizer? — corou ligeiramente — da *pana* Nicolaïa. Quando ela era ainda um bebé e se espojava na areia aquecida pelo sol, Carvão, muito novo também, vinha lamber-lhe a cara e a criança enfiava os dedos gráceis por entre os dentes aguçados da fera e ria, e o cão ria também. Cresceram juntos: Carvão tornou-se forte como um urso. Nicolaïa ia ficando para trás. Porém, nunca deixaram de se amar. Depois, quando chegou a sua altura de

guardar os carneiros... não é que ele tivesse sido destinado para essas tarefas, mas era por natureza tão generoso que precisava de ter sempre alguém a quem proteger. Não existia um animal assim nas dez léguas mais próximas. Se devorava um cão era para defender um outro. Os lobos evitavam-no e o urso permanecia no covil quando mestre Carvão estava de guarda. Veio-lhe, por conseguinte, a ideia de proteger os carneiros. Era efectivamente o que lhe convinha, tratar desses animais sempre assustados. Ficou portanto com os carneiros e só de longe em longe visitava a casa e, quando voltava, os cordeiros precipitavam-se ao seu encontro e ele dava uma lambidela à direita e à esquerda, como a dizer: Está bem, está bem, eu sei... Nicolaïa saía por sua vez a visitar o pasto, mas se a criança se esquecia de vir, o cão amuava e em vez de se apresentar em casa dava uma volta pela floresta, coisa de fazer a vida negra ao lobo. Era verdadeiramente um animal majestoso. Assim que Nicolaïa chegava ele trazia-lhe os cordeirinhos. Ela assentava-se-lhe no costado e o cão passeava-a orgulhosamente.

Quando o conheci era já velho, tinha os dentes gastos, uma perna estropiada, dormia muito e não eram poucos os cordeiros que perdia. Falava-se então bastante de um urso monstruoso que tinha sido visto nas redondezas e aparecera tam-

bém nas terras dos Senkov. Lembrava-me do urso do barranco e ficava algo envergonhado. Eis senão quando vejo, num dia em que os vou visitar, um grupo de camponeses atravessar a estrada e correr à desfilada em direcção ao pasto. Esporeei o cavalo e ouço gritar: «Vamos a ele! É o urso!» Arremeto a toda a brida, desmonto e deparo com uma multidão que rodeia Nicolaïa estendida por terra, abraçada ao cão e soluçando. O urso lá ia a fugir com um cordeiro. Os pastores, os cães, ninguém se mexia, incapazes de fosse o que fosse a não ser berrar. A menina dá um grande grito. Carvão, profundamente impressionado, salta a paliçada com a sua perna manca e atira-se à garganta do ratoneiro. Tem os dentes já gastos; no entanto, empolga o adversário. Os pastores acorrem com a espingarda, o urso foge, o cordeiro está salvo. O pobre Carvão arrasta-se ainda alguns passos e cai como um herói. Nicolaïa precipita-se, abraça-o, inunda-o de lágrimas. Ele olha-a uma última vez, suspira e morre.

Eu estava ali como se acabasse de cometer um assassínio. «Deixe-o *pana* Nicolaïa», digo-lhe. Ela levanta para mim os olhos, cheios de lágrimas: «Você, você, é um homem duro! responde-me. — Eu um homem duro!»

Entrego o cavalo aos pastores, agarro numa comprida navalha que volto a afiar, peço que me entreguem a velha espingarda, extraio-lhe a munição e carrego-a de novo eu próprio. Por fim, meto no bolso uma mão cheia de pólvora e de chumbo em grão e dirijo-me para a montanha. Sabia que ele passaria no barranco.

— O urso?

— Evidentemente. Era ele quem eu esperava. Postei-me no barranco. Ali não havia meio de me evitar. As paredes eram direitas, quase a pique; árvores só lá em cima, demasiado longe para se poder agarrar uma raiz e trepar. O urso não pode evitar-me e nem eu nem ele recuaremos. Não sei quanto tempo fiquei assim. A solidão era profunda, horrível. Ouço, enfim, folhas a estalar no alto do barranco, como que sob os passos pesados de um camponês e depois um grunhido: ei-lo. Olha-me, pára. Dou um passo em frente e engatilho... que estou eu a dizer? Tento engatilhar a espingarda. Procuro: não havia cão. Faço o sinal da cruz, dispo o casaco e enrolo-o no braço esquerdo... o urso estava a dois passos. «Upa, irmão!» Não me ouve nem dá sinais de me ver. «Alto, irmão, vou ensinar-te o russo!» Pego na espingarda pelo cano e desfecho-lhe uma porrada no fochinho com a coronha. Ruge, levanta-se, enfio-lhe o braço esquerdo nas goelas e enterro-lhe a navalha no coração. Agarra-me com as patas; uma onda de sangue inunda-me, tudo se esvai...

Esteve alguns minutos com a cabeça apoiada nas mãos, depois, de braço es-

tendido, bateu suavemente na mesa, dizendo-me com jovialidade: «E aqui estou a contar-lhe histórias de caça; mas vai ver as unhadas — abriu a camisa e vi impressas nas ilhargas qualquer coisa parecida com duas mãos gigantes muito brancas. Apanhou-me bem!»

Os copos estavam vazios. Fiz sinal a Mochkou para que nos trouxesse mais uma garrafa.

«É neste estado que fui encontrado pelos camponeses, continuou o boiardo. Transportaram-me para casa dos Senkov. Aí permaneci muito tempo acamado e febril. Quando de dia recuperava os sentidos, via-os sentados ao meu redor, acompanhados pela minha família, como à volta de um moribundo. Mas o pai Senkov dizia: «Isto vai, isto vai», e Nicolaïa ria. Uma altura, acordo de noite e olho pelo quarto que só uma vela alumiava. Que vejo eu? Nicolaïa de joelhos, rezando. Mas deixemos isso. O que lá vai lá vai, só de longe em longe é que aquilo me aparece em sonhos. Não se fala mais nisso... Como vê recuperei. A partir de então a *britchka* do pai Senkov estacionava amiúde no nosso pátio e vice-versa. Por vezes as mulheres também apareciam. Os velhotes cochichavam em grupo e quando me aproximava Senkov sorria, piscava os olhos e oferecia-me uma pitada.

Nicolaïa amava-me, ah! e com todas as forças do seu coração, acredite. Pelo

menos eu acreditava e os velhotes também. Tornou-se portanto minha mulher. O meu pai entregou-me a gestão dos seus bens; Nicolaïa teve uma aldeia inteira de dote. A boda foi em Czerneliça. Toda a gente se embebedou; o meu pai dançou a cossaca com a senhora Senkov. No dia seguinte à noite — estavam ainda todos como os mortos no dia do Juízo Final à procura das pernas e braços sem os encontrarem — atrelei eu próprio o meu carro a seis cavalos brancos como pombas. A pele do urso, uma pele magnífica, estava estendida no assento, com as patas de unhas douradas tombando dos dois lados até ao estribo, e a grande cabeça de olhos coruscantes espiando, ainda ameaçadora. Todo o meu pessoal, camponeses e cossacos, lá está a cavalo, com tochas acesas na mão. Pego ao colo na minha mulher, vestida com uma peliça vermelha forrada de arminho, e conduzo-a à carruagem. Os meus criados dão gritos de alegria. Tinha um ar de princesa, sentada na pele do urso e com os pezinhos apoiados na grande cabeça peluda. Todo o rancho nos acompanhou em cortejo. Foi assim que a levei para minha casa.

Que absurdezas não se lêm nos livros alemães, «o amor celeste», essa idolatria das virgens! Ora! A ilusão não dura muito. Será o amor esse néscio langor que vos amarra à peugada de uma jovem?... Quando se tornou minha mulher, tive final-

mente a coragem de a amar, e o mesmo se deu com ela. Os nossos amores cresceram como dois gémeos. À *pana* Nicolaïa beijava as mãos, à minha mulher os pés, mordia-os até muitas vezes e ela gritava e repelia-me com um safanão. Ah! O Amor é a união, o casamento. De resto, é ou não tudo o que possuímos? Atente bem nesta vida, se faz favor: as palavras são estranhas e — pôs-se a escutar o canto melancólico da guarda — a ária é o que se vê. Os alemães têm o *Fausto,* os ingleses possuem também um livro desse género; neste país qualquer camponês sabe essas coisas. É um instinto secreto que lhe diz o que é a vida.

Que é que incute neste povo a tristeza da sua índole? É a planície. Ela estende-se sem limites como o mar, o vento agita-a, fá-la ondular como o mar e o céu banha-se nela como no mar. Ela envolve o homem, silenciosa como o infinito, fria como a natureza. Ele gostaria de a interrogar. A sua canção eleva-se como um apelo doloroso e expira sem encontrar resposta. Sente-se nela estrangeiro... Observa as formigas que em longas caravanas, carregadas de ovos, vão e vêm na areia quente: eis o seu mundo. Apertar-se num pequeno espaço, sofrer sem descanso... para nada. O sentimento de abandono invade-o, parece-lhe poder esquecer-se a todo o momento da própria existência. Então a natureza humaniza-se para ele na mulher: «Tu és

o meu filho. Temes-me como à morte, mas eis-me à tua imagem e semelhança. Abraça-me! Amo-te, vem, coopera no enigma da vida que te perturba. Vem, amo-te!»

Calou-se um bocado e recomeçou:

Como fomos felizes, eu e Nicolaïa! Quando os parentes ou os vizinhos chegavam era um gosto vê-la dar as suas ordens, pôr o pessoal todo numa roda viva! Os criados pareciam patos a atirarem-se à água quando ela os olhava. Um dia, o meu pequeno cossaco deixa cair uma pilha de pratos que transportava correctamente debaixo do queixo; a minha mulher precipita-se para o chicote. E ele logo: se é a senhora a chicoteá-lo não terá dúvidas em partir uma dúzia por dia! — Entendido? E riem ambos.

Os vizinhos visitavam-nos muito agora. Anteriormente só apareciam nos dias de grande festa, na Páscoa, por exemplo, para o cordeiro pascal. Dir-se-ia que queriam recuperar o tempo perdido. Vinham todos, digo-lho eu. O primeiro a chegar era um antigo tenente, Mack. Sabia de cor toda a obra de Schiller, fora isso um bom homem. É verdade que tinha um defeito: bebia, não ao ponto, diga-se, de escorregar para debaixo da mesa, mas plantava-se, rubicundo, no meio da sala e recitava de um fôlego a balada do *Dragão.* Terrível, hein?

Depois vinha o barão Schebiçki. Conhece-o? O papá chamava-se Schebig, Salo-

mão Schebig, um judeu, um bufarinheiro que comprava, vendia e obtinha provisões. Um belo dia adquiriu uns terrenos e passa a intitular-se Schebigstein. Se há quem se chame Lichtenstein, dizia ele, porque não hei-de eu ser Schebigstein? O filho tornou-se barão e chama-se Rafael Schebiçki. A única coisa que sabe fazer é rir. Se lhe disser: Senhor, conceda-me a honra de jantar lá em casa — rirá; mas se lhe disser: Senhor, ponha-se no meio da rua! *Paschol*! — rirá também. Só bebe água, vai quotidianamente aos banhos de vapor, usa uma grossa corrente num colete de veludo vermelho e persigna-se sempre antes da sopa e depois da sobremesa.

Havia também um nobre, Dombovski, um polaco de seis pés de altura, olhos vermelhos, bigode melancólico e bolsos vazios, sempre a pedir para os emigrados. Quando vê alguém pela segunda vez, aperta-o contra o peito e abraça-o com ternura. Se bebeu um copo a mais chora como um vitelo, canta: *A Polónia ainda não está perdida,* apodera-se do vosso braço e segreda-vos a conjura do princípio ao fim. Se a alegria é completa brinda: *Vivat!* Amemo-nos!, e bebe pelos sapatos velhos das senhoras.

Frequentava-nos igualmente o reverendo M. Maziek, o pároco de aldeia típico, sempre com uma palavra de consolação para tudo o que vos pudesse suceder: nascimento, morte, casamento. Elogiava sobretudo os que adormeciam na paz do Senhor. A igreja, dizia, distinguiu-os tabelando-os por alto. Acentuava constantemente o seu discurso com a palavra *purgatório,* tal como outros dizem *Santo Deus* ou *parece impossível.*

Comparecia ainda o sábio Tadeu Kuternoga que há onze anos se prepara para apresentar uma tese de doutoramento. E por fim um proprietário, Leão Bodoschkan, um verdadeiro amigo este, e outros fidalgos bem vividos. Todos alegres! Alegres como um enxame de abelhas; mas diante dela refreavam-se. As mulheres também a vinham ver, grandes amigas sempre tagarelando, sorrindo, jurando por todos os santos, e depois... enfim sabe-se como estas coisas são. Vivíamos assim com os nossos vizinhos e orgulhava-me da minha mulher quando eles bebiam pelos sapatos dela e escreviam poemas em sua honra. No meio disto tudo ela olhava-os como a dizer: «Perdem o tempo e o feitio!» De mais a mais, preferíamos estar sós.

As grandes propriedades, meu caro, proporcionam tantos cuidados como alegrias. Ela quis meter-se em tudo. «Administraremos nós próprios, não os feitores!» Como feitores havia, em primeiro lugar, o procurador Kradulinski, um velho polaco, homem esquisito! Não tinha um só pêlo na cabeça nem uma única conta em dia. Depois, o guarda florestal Kreidel, um alemão como o nome indica; era um homen-

zinho de olhos esburacados à verruma, com umas grandes orelhas transparentes e uma grande penca também transparente. A minha mulher até a atrelagem dos animais vigiava. Creio que não hesitaria em usar o chicote em caso de necessidade. Era preciso ver os nossos jornaleiros quando íamos aos campos! — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Para todo o sempre, Amém!», e com uma voz tão alegre! No dia da festa dos ceifeiros, o nosso pátio estava sempre cheio. A minha mulher postava-se erecta na escadaria e eles vinham depor-lhe a coroa de espigas aos pés. Que júbilos que não eram! Ofertavam-lhe um copo de aguardente: «À vossa!» e escorropichava-o. Beijavam-lhe a fímbria do vestido, meu caro senhor.

Sabia também montar a cavalo. Oferecia-lhe a mão para que nela pousasse o pé e ei-la na sela. Usava nestas alturas um gorro cossaco: a borla dourada dançava-lhe na nuca, e o cavalo relinchava, campeava quando ela lhe dava pancadinhas no pescoço. Ensinei-lhe até a manejar uma espingarda. Dei-lhe uma pequena que usara em criança para atirar aos pardais. Ela punha-a ao ombro, ia para os campos caçar codornizes, oh!, e na perfeição! Acontece um dia que um açor vem da floresta, saqueia a capoeira e rouba justamente a Nicolaïa a sua linda galinha negra de poupa branca. Faço-lhe várias esperas e nada! Passados tempos, regressando do

campo de arrancar batatas, com a chibata na mão, vejo-o. Lá está ele a gritar, a rodopiar por cima do pátio. Rogo uma praga: paf! Ouve-se um bater de asas e cai redondo no chão. Quem teria disparado? A minha mulher: «Aquele já não me rapina mais nada», e vá de o pregar na porta do celeiro.

Ou então é o vendedor ambulante que desenfarda a mercadoria ruidosamente. Tudo tem a cor fixa, tudo é novo, tudo é vendido ao desbarato. Era preciso estar lá para ver como ela sabia regatear! O judeu não parava de suspirar: «Uma senhora bem difícil», diz; no entanto beija-lhe o cotovelo. Depois vou dar uma volta à cidade. Lá encontro a mulher do administrador com um vestido azul sarapintado de branco. É concerteza da última moda. Levo para casa um vestido azul sarapintado de branco e Nicolaïa cora de prazer. De outra vez, deito os pés ao caminho até um pouco mais longe, até Brody, e volto carregado de veludos de todas as cores, de sedas, de peles, e que peles! Tudo de contrabando. Saltava-lhe o coração de alegria, meu caro senhor.

Como tinha gosto no vestir! Dava vontade de a gente se lhe atirar aos pés. Tinha uma *kazabaïka* de pano verde azeitona, com uma orla de pele de esquilo da Sibéria — a imperatriz da Rússia não possui nada assim tão belo — da largura da

mão e forrada com a mesma pele cinzenta prateada, e tão macia!

Ao serão, reclinava-se no divã, com os braços cruzados debaixo da nuca, enquanto eu lia em voz alta. O fogo crepita na lareira, o *samovar* apita, o grilo canta, o caruncho ataca na madeira, o rato rilha, pois o gato branco dormita numa almofada. Leio-lhe todos os romances. A cidade possuía já a sua bibliotecazinha e havia ainda os vizinhos — pedia-se emprestado um volume a este, outro aquele. Ela escuta-me de olhos fechados, eu estendo-me no sofá e devoramos os livros; às vezes acabávamos por nos deitar muito tarde. Discutíamos. Casa-se com ela, não se casa com ela? Os rasgos de generosidade encolerizavam-na. Corava até à pontinha da orelha, soerguia-se apoiada numa mão, apostrofava-me como se a culpa fosse minha: «Não quero que ela faça isso, entendes?» e quase se punha a chorar. Nos romances, sabe, as mulheres sacrificam-se por dá cá aquela palha... Ou então põe-se de pé, atira-me o livro à cara e deita a língua de fora. Perseguíamo-nos e brincávamos ao esconde-esconde como as crianças. Certa noite inventa uma mágica e foge: «Quando voltar serás o meu escravo!» Veste-se de sultana com uma mantilha colorida, turbante, o meu punhal circassiano, um véu branco por cima de tudo e reaparece triunfante. Uma mulher divina, meu caro senhor! Quando dormia eu era

capaz de passar horas só a vê-la respirar, e se dava um suspiro o medo de a perder arrebatava-me. Chegava mesmo a chamá-la em voz alta, ela sentava-se na cama, olhava-me espantada e ria às gargalhadas. Mas era sobretudo o papel de sultana que desempenhava na perfeição. Mantinha-se séria e se eu tentava gracejar carregava o sobrolho e fuzilava-me com um tal olhar que me sentia como se a estaca [1] me estivesse já a trespassar.

---

[1] *Estaca* — referência ao suplício oriental que consistia em espetar uma estaca no corpo do condenado. (N. T.)

III

Vivíamos assim como duas andorinhas sempre juntas a chilrear. Uma suave esperança veio juntar-se às nossas alegrias. E, no entanto, que angústias as minhas! Afastava-lhe gentilmente os cabelos da testa e vinham-me as lágrimas aos olhos. Ela compreendia-me e, passando-me o braço à roda do pescoço, chorava. A coisa apanhou-nos de surpresa como a fortuna. Tinha ido de fugida a Kolomea procurar o médico e logo que volto recebe-me ela com a criança nos braços estendidos. Os avós não cabiam em si de contentes, a criadagem gritava e saltava, toda a gente se embebedava e, no celeiro, a cegonha, apoiada numa só pata, parecia esperar algo. As preocupações surgiram de imediato, mas os sucessivos tormentos aper-

tavam ainda mais os laços que nos uniam. Porém, o que é bom depressa acaba.

Falava muito baixo. A sua voz tornara-se extremamente suave, mal vibrando no ar.

«Estas coisas não duram sempre. É uma espécie de lei da natureza. Reflecti muito nisto. Qual é a sua opinião? Tive um amigo, Leão Bodoschkan. Lia demasiado e isso arruinou-lhe a saúde. Disse-me mais do que uma vez... mas para quê repetir estas coisas se as tenho aqui comigo? — Tirou do bolso algumas folhas amarelecidas e desdobrou-as. — Era um homem obscuro, ignorado por todos, mas que conhecia tudo. Via no fundo dos factos como na água cristalina de uma nascente. Desmontava os homens como se fossem relógios de bolso para lhes escrutar o maquinismo. Achava o defeito sem procurar. Gostava de falar das mulheres. Foram as mulheres e a filosofia que o mataram. Escrevia muitas vezes os seus pensamentos, depois, quando deambulava pela floresta, atirava tudo fora. O papel incomodava-o. Quem é capaz de escrever o seu amor não ama, dizia. Olhe, guardei isto. — Pousou uma das folhas em cima da mesa. — Não, enganei-me, é uma factura. — Tornou a introduzi-la no bolso. — É este. — Tossiu e pôs-se a ler.

«Que é a vida? Sofrimento, dúvida, angústia, desespero. Quem sabe de onde vem e para onde vai? Não temos poder

algum sobre a natureza e as nossas perguntas desnorteadas ficam sem resposta. No fim de contas toda a nossa sabedoria se resume no suicídio. Mas a natureza impôs-nos um sofrimento ainda mais terrível do que a vida: o amor. Os homens chamam-lhe felicidade, volúpia. Porém, que é ele senão um combate mortal? A mulher é o inimigo. Vencido, o homem sente que está à mercê de um adversário implacável. Prosta-se: calca-me, serei teu escravo, mas vem, tem piedade de mim!... Sim, o amor é uma dor e a posse uma libertação, mas o preço é deixar de nos pertencermos.

A mulher que amo é o meu tormento. Estremeço quando passa, quando ouço o ruge-ruge do seu vestido; um movimento imprevisto basta para me sobressaltar... Deseja-se a união eternamente indissolúvel. A alma penetra nessoutra alma, mergulha na natureza inimiga e recebe o baptismo. Os amantes espantam-se de não terem estado sempre juntos. Tremem com medo de se perderem. Assustam-se quando o outro fecha os olhos ou altera a voz. Desejariam tornar-se um único ser. Abandonam-se como uma coisa, como uma matéria plástica: faz de mim o que tu próprio és. Um verdadeiro suicídio. Depois, surge a reacção, a revolta. Não querem perder-se completamente, odeiam o poderio que os domina, que os aniquila. Tentam sacudir a tirania dessa vida estrangeira, procuram-se a si próprios. É a ressurreição da natu-

reza.» — Tirou do maço uma segunda folha. — «*O homem possui as suas aflições, os seus projectos, as suas ideias que o cercam, o elevam, o transportam como nas asas duma águia. Mas a mulher? Quem virá em seu socorro? Sente, por fim, viver nela a sua própria imagem, tem-na nos braços, aperta-a contra o peito! Será um sonho? O filho diz-lhe então: Eu sou tu e tu vives em mim; olha-me bem, salvar-te-ei. Ah! Ela acaricia agora no filho o seu próprio ser que até aqui lhe custara a suportar. Vê-o crescer sentado nos seus joelhos, prende-se a ele, agarra-se a ele.*»

Depois de me ter lido estes fragmentos, o meu companheiro dobrou as folhas e escondeu-as no peito. Apalpou-se ainda para se assegurar que estavam no seu lugar e abotoou a sobrecasaca.

«O mesmo se passou comigo, disse, exactamente o mesmo. Não serei capaz de falar destas coisas tão bem como Leão Bodoschkan, mas se quiser contar-lhe-ei como foi.

— Decerto, o prazer é todo meu.

— Pois bem, passou-se então a mesma coisa comigo, absolutamente...

— Sim, interrompi eu para o encorajar, geralmente chama-se aos filhos provas de amor.»

Estacou e fitou-me com um ar esquisito, quase feroz. «Provas de amor! Ah! Sim, exclamou, provas de amor!... Imagine que entro em casa — as canseiras que uma

propriedade dá são grandes! — que entro cansado como um galgo depois de intensa correria. Abraço a minha mulher, ela desfranze-me o sobrolho com a mãozita, a sua boquita sorri e trás!, a prova de amor põe-se a berrar ao lado e tudo vai por água abaixo. A manhã passa-se em disputas com o procurador, o ecónomo e o guarda florestal. Por fim, lá nos sentámos à mesa. E não falha: mal acabo de atar o guardanapo ao pescoço — à moda antiga, percebe? — ouve-se chorar logo a prova de amor porque não quer o comer dado pela criada. Minha mulher lá vai e não volta. Fico só à mesa, e resta-me, como distracção, assobiar por exemplo:

Bichano empoleirado num muro
Queixa-se da bichana de coração duro.
É demais,
Não posso mais.

Surge uma ideia: irei à caça, à caça aos patos. Chafurdo todo o dia com água até ao joelho, sempre na perspectiva de uma cama bem quente. Volto tarde, enfio-me nos lençóis ao lado da minha mulher. Porém, a prova de amor está no período de dentição e berra como um possesso. A mamã abandona-me e adormeço sozinho, quando consigo adormecer.

Vem depois um desses anos impossíveis de esquecer: toda a gente está de sobreaviso. Anda qualquer coisa no ar, todos o

sentem e ninguém sabe o que é. A cada passo nos cruzamos com desconhecidos. Os proprietários polacos agitam-se: um compra um cavalo, outro pólvora. À noite, vê-se um clarão no céu. Os camponeses, aos grupos diante das tascas, dizem entre si: «É a guerra, a cólera ou a revolução.» O coração aperta-se. Lembramo-nos então que a pátria faz fronteira com os eslavos, com os alemães e com outros ainda. Que tramarão estes polacos? Preocupamo-nos com a sorte do nosso bailiado, preocupamo-nos com a defesa do nosso celeiro. À noite, dá-se a volta à casa para se ter a certeza de que lhe não foi posto fogo. Deseja-se então ter alguém a quem contar as mágoas. Procura-se a mulher, está ocupada com o miúdo que choraminga porque as moscas o incomodam.

Saio de casa. Divisa-se um clarão vermelho no horizonte. Um camponês a cavalo brada para o pátio: *Revolução*!, e esporeia o garrano extenuado. Na aldeia toca-se a rebate. Um camponês mete a foice no cabo, dois outros acodem com os manguais ao ombro, vários entram no pátio. «Senhor, cuidado, os polacos estão a chegar.» Carrego as pistolas e mando afiar o sabre. «Mulher, dá-me uma fita que eu cosa no gorro, um trapo qualquer desde que seja amarelo e negro. — Põe-te a mexer, responde-me ela, bem sabes que o miúdo está a chorar, querem dar-me cabo dele. Vai à aldeia e proíbe-os de tocar o

sino, vá!» Ah! Não é isso que me impedirá de mandar tocar a rebate em todas as freguesias. O gorducho bem pode rebentar de choro! É o país que está em perigo. Ah! Meu amigo...

Um dia sento-a ao pé de mim no divã, falo-lhe com doçura. Mas ela está preocupada a ver se a criança se agita. «Que disseste?, pergunta-me num tom distraído. — Oh! Nada.» Vejo que perco o meu tempo e vou-me triste e desanimado. «Onde pára a tua *kazabaïka,* minha querida Nicolaïa? — Porque é que me hei-de aperaltar para andar em casa? Nem a criança me reconheceria. Tens de compreender.»

Sim, compreendo. Mas quando temos visitas, a criança já pode gritar: dá uma saltada a vê-la e regressa para servir o chá e ri e conversa, vejo até reaparecer a *kazabaïka* verde forrada de pele de esquilo. Nada é demais para agradar aos hóspedes...

Há muito que não tinha voltado à montanha. O meu guarda florestal vira um urso... desculpe, ia contar-lhe outra história de caça. Bem! Tínhamos corrido algum perigo, eu e o guarda. Um camponês viera correndo à frente e chegara primeiro a casa. Fui encontrar toda a gente alarmada na quinta. A minha mulher atira-se-me ao pescoço com o filho nos braços. O sangue escorre-me pela cara abaixo, a criança tem medo. — «Oh! Vai-te embora», diz-me. — Encolhe os ombros com desprezo. — Não

era nada de grave, apenas algumas gotas de sangue. Aliás, o perigo já tinha passado. Bom! Lavo a cara; o guarda, antigo militar, trata-me das feridas. Mas desta vez é o lenço que mete medo ao miúdo. Torno a ser expulso. Enfim, que mais quer que lhe diga? Atiro-me para cima da cama. Só, sempre só, como outrora! Diabos levem a prova de amor! Que Deus me perdoe! — Benzeu-se, escarrou encolerizado e quis continuar.

«Desculpe, atalhei eu, mas não disse nada à sua mulher...?

— Perdão, interrompeu ele numa voz quase violenta e as narinas a tremer. Claro que disse. Sabe o que me respondeu? «Para quê ter filhos então?» Era capaz de tudo. Uma mulher assim acaba por fazer de nós seus escravos. Não sabemos que partido tomar. Hesitamos. Ser-lhe infiel? Não. Viver então como um monge? Que existência!... Já aconteceu parar-lhe um relógio de repente? Sim. O senhor é um homem impaciente?

— Por vezes.

— Bom. É portanto um homem impaciente. É preciso pô-lo a funcionar, imediatamente. Empurra-se o pêndulo, e funciona. Por quanto tempo? Torna a parar uma vez e outra! Lá volta ele a parar. Uma pessoa acaba por ficar fora de si e maltrata-o. Então é que ele pára de todo. É isto que se passa quando se quer levar a melhor sobre o coração delas. Por fim renuncia-se.

Tente compreender... A princípio, o que eu queria era distrair-me. Um regimento de hussardos estava aboletado na vizinhança. Contraí amizade com os oficiais. Aquilo é que eram homens! Banay, por exemplo. Conhece-o?

— Não.

— Ou então o barão Pàl? Também não? Conheceu pelo menos Nemethy, um que usava bigodes ponteagudos? Vinham a minha casa quase todos os dias. Fumava-se, bebia-se chá. Por fim jogava-se também. Ia muitas vezes à caça com eles. A minha mulher veio a saber. Começou a ficar taciturna a pontos de me fazer censuras. «Querida, respondi-lhe, que satisfações tenho eu aqui?» No dia seguinte, Nicolaïa apresenta-se com os seus melhores adornos, senta-se no meio dos hussardos, distribui amabilidades, graceja, adopta posições afectadas. Para mim nem um olhar. Rio-me para dentro. Antes de mais, os meus hussardos eram rapazes excelentes que pareciam não se aperceberem de nada; além disso, a nenhum agradava arriscar a vida — com que fim? — ou a saúde. Quando as coisas não vêm do coração!... No entanto, iam-se metendo comigo. «Então irmão!? Muito gosta a tua mulher que lhe façam a corte. — Façam-lhe a corte, estejam à vontade!» Terei actuado bem?

Mas apareceu um outro... não o conhece, sem dúvida. Um homem insuportável, um louro, de cara branca e rosada. Era um proprietário. Todos os dias o criado grave lhe frisava o cabelo. Recitava o *Igor* e os versos de Pouchkine com gestos forçados, como um actor de verdade. Este agradou à minha mulher. — A sua voz tornara-se rouca. À medida que se inflamava, o tom de voz ia baixando. As palavras saíam penosamente, como arrancadas do peito. — Espere. Levávamos pois uma vida alegre. No inverno, os vizinhos apareciam com as esposas: bailes, mascaradas, passeios de trenó. A minha mulher divertia-se. No verão, teve uma segunda criança, um rapaz, como o primeiro. Houve entre nós uma espécie de aproximação. Um dia, sentado perto da cama, disse-lhe: «Arranja uma ama, suplico-te!» Ela abana a cabeça. Vêm-me as lágrimas aos olhos e saio.

Durante um ano, tornou a estar uma vez mais absorvida pelo filho. Raramente conversávamos. Ela começava a bocejar quando eu falava dos meus negócios, e discutíamos por tudo e por nada diante de estranhos. Eu nunca tinha razão, os outros tinham-na sempre. — Escarrou. — Uma vez roguei-lhe que não me fizesse mais isso. No dia seguinte não abre boca e quando lhe pedem uma opinião: «Penso como o meu marido», responde com um ar despeitado. Malvadez tártara! Constrangia-se para ser do meu parecer. E vive um homem para isto!

Um dia perdi uma grossa maquia. Jogava-se forte e a macaca perseguia-me. Perdi tudo o que levava comigo, os cavalos, a viatura. — Não pôde impedir-se de rir. — Tomei então uma grande decisão, entrei na linha. Os vizinhos deixaram de nos visitar. Só o outro vinha. Fiz-me desentendido. A lavoura absorvia-me. Os êxitos foram surgindo. Sentia prazer em ver crescer, por assim dizer debaixo da minha mão, o que acabava eu próprio de semear. De resto, a agricultura também é um jogo. É ou não preciso preparar um plano, modificá-lo a todo o momento de acordo com as circunstâncias e ter em linha de conta o acaso? E que dizer das tempestades, do granizo, dos frios e das secas, das doenças e dos gafanhotos...? Quando entro para o chá, e depois de ter enchido o cachimbo, lembro-me que o cavalo necessita de ser ferrado ou que seria melhor ir ao pomar ver qual dos dois venceu, o meu guarda ou a minha aguardente. Pego no gorro e saio, sem pensar na minha mulher, que fica com as crianças. Os vizinhos murmuram: mais um casamento como os outros! Até o reverendo Maziek aparece um dia cheio de unção. A cara, o cabelo, o cabeção, as botas, os cotovelos, tudo nele era untuoso. Resplandecia, ameaçava-me com a cana como com um cajado e admoestava-me. «Mas senhor abade, nós já não nos

amamos! — Ó! Ó! Purgatório!, exclama rindo às bandeiras despregadas. E o casamento cristão? — Mas senhor abade, nosso benfeitor, isto é vida? — Ó! Ó! Purgatório! Não, não é assim que se deve viver. Para que serviria então a Igreja? Meu pobre amigo tresmalhado, saberá você o que é a religião? Meta-se a ter relações com uma rapariga sem a amar grande coisa, sustente-a, toda a gente a desprezará, e a si chamar-lhe-ão libertino. No casamento é diferente. De que é que fala a esposa cristã? De amor? Não, purgatório! Do seu dote e dos seus deveres. Tenho ou não razão? Que vem aqui fazer o amor? Alimenta e veste a tua mulher, é esse o teu tributo. É assim o casamento cristão. Purgatório! Cá me entendo... Um filho bastardo é uma vergonha. No matrimónio, pelo contrário, se se tem filhos, que interessa que os esposos se detestem? É a benção do Céu! Ora faz favor de me dizer, é o amor que faz o casamento ou a consagração do padre? Se fosse o amor o padre não seria preciso para nada. *Ergo!* Cá me entendo.» Assim falou o nosso cura.

A partir de então, começo a sentir-me cada vez mais só em casa. Agora fico por fora quando se ceifa o trigo. Sento-me sob os feixes amontoados em pirâmide como numa tenda, cachimbando e escutando o canto dos ceifeiros. Quando se abatem árvores, vou para a floresta atirar ao esquilo. Não falto, em todo o distrito, a uma

única feira. Sou visto muitas vezes em Lemberg, sobretudo na altura dos contratos. Ausento-me semanas inteiras. Pouco a pouco, tacitamente, minha mulher e eu vamos aceitando as condições do... casamento cristão.

O meu vizinho via as coisas por outro prisma. Tinha como possível poder meter-se em altas cavalarias todos os dias. Com efeito, não se cansava de fazer companhia à minha mulher, sobretudo nos dias em que eu andava por fora. Desolava-se por não me encontrar — fuinha de um raio! — instalava-se e recitava Pouchkine. Lastimava-a, falava dos maridos em geral, abanava a cabeça e fungava compadecido. A páginas tantas armou-me uma cena porque, dizia, eu abandonava a minha mulher, uma mulher com cabeça e um coração de ouro! «É muito fácil de dizer, amigo. Só a vês nos seus momentos de bom humor.» Ele continua a ler-lhe livros. Em breve, quando se trata de mim, nada mais se consegue arrancar dela senão suspiros. Mas que houve afinal entre vocês? «Não nos compreendemos», responde ela. Citação textual de um livro alemão, textual, meu caro senhor...

Uma vez em que volto tarde de Dobromil, por causa de uma licitação, encontro a minha mulher no divã, um pé no estofo, o joelho nas mãos, absorvida nos seus pensamentos. O outro também lá estava. Ela vestia a peliça de esquilo e, nesse caso,

ele nunca andava por longe. Não me zango. Ela agrada-me assim. De súbito, encara-me com um olhar estranho. Não entendo nada do que se passa. «Isto não pode continuar, diz ela numa voz rouca, cheia de esforço. — Mas que tens tu? — Só cá vens à noite, exclama. A uma amante pelo menos faz-se-lhe a corte. E eu, eu quero ser amada! — Então quer dizer que não te amo? — Não!» Sai, monta a cavalo e desaparece. Procuro-a toda a noite e todo o dia. Quando no dia seguinte à noite volto a casa já ela lá estava e tinha mandado fazer a cama no quarto das crianças.

Nessa altura devia ter-me imposto, é verdade. Mas era demasiado orgulhoso, pensava que as coisas acabariam por se arranjar, e além do mais não se faz das nossas mulheres o que se quer. Havia lá no bailiado um escrivão alemão cuja mulher se correspondia com um capitão de cavalaria. «Que tens aí, minha querida?» Agarra na carta e mal acaba de a ler desata a bater-lhe. Deu-lhe tanto e tão bem que recuperou o seu afecto. Aqui está um casamento feliz. Mas eu, eu deixei passar o momento ideal. Agora já tanto faz.

O que dizíamos um ao outro não ia além do *bom dia, boa noite,* é tudo. Recomecei a caçar. Passava dias inteiros na floresta. O meu guarda de caça era, na altura, um tal Irena Wolk, indivíduo bizarro. Amava tudo o que vive, tremia quando via um animal, o que não o impedia de o matar.

Em seguida pegava nele, contemplava-o e dizia numa voz lamentosa: «Este foi muito feliz, muito feliz!» A vida era, no seu entender, um mal. Sujeito esquisito! Falar-lhe-ei dele para outra vez. Metia na minha *torba* um naco de pão, queijo, aguardente no cantil, e partia. Por vezes dormíamos na orla da floresta. Irena ia escavar num campo e trazia uma braçada de batatas, acendia uma grande fogueira e cozia-as nas brasas. Come-se do que há. Quando se erra assim na floresta negra, silenciosa, onde se topa a cada passo com o lobo e o urso, onde se vê a águia fazer o ninho e se respira aquele ar forte, frio, húmido, carregado de odores ásperos e onde como mesa se tem um tronco de árvore e para dormir uma caverna, onde o banho é tomado num lago de águas sombrias e profundas, que não se agita nunca e cuja superfície lisa e negra bebe tanto a luz do sol como os raios da lua, os sentimentos perdem-se, apenas as necessidades são sentidas: come-se por fome, ama-se por instinto.

O sol põe-se. Irena desapareceu em busca de cogumelos. Uma camponesa está sentada no chão. A saia azul desbotada não esconde os pés pequeninos, cobertos de pó. A camisa foi-lhe escorregando pelos ombros abaixo; fechada só na cintura, vai-se entreabrindo aqui e ali. À volta, o ar está perfumado pelas emanações do tomilho.

A rapariga, de joelhos, tem a cabeça nas mãos. Um pirilampo foi pousar-lhe nos cabelos pretos que escapam de debaixo de um lenço cor-de-fogo e deslizam pelas costas. O seu perfil desenha-se a negro sobre o fundo vermelho do céu. O nariz é subtilmente curvo como o bico de uma ave de rapina e, quando a chamo, dá um grito como o do abutre das montanhas e os seus olhos dardejam sobre mim um olhar agudo que passa como o clarão fugitivo da nafta a arder. O grito ressoa e vai-se repercutindo nas paredes rochosas, na floresta e, ainda lá longe, na serra. Esta mulher quase me assustara. Ela debruça-se, arranca um pé de tomilho, puxa o lenço vermelho para uma cara mais vermelha ainda.

«Que tens?», pergunto.

Por única resposta, entoa lentamente uma *douma* melancólica como as lágrimas.

«Estás aborrecida? Diz lá!»

Cala-se.

«Então?»

Encara-me, larga a rir e as longas pestanas caem-lhe sobre os olhos como um véu.

«Em que estás a pensar?

— Num abafo de pele de carneiro», responde-me baixinho.

É a minha vez de rir. «Espera, trago-te um da feira — ela esconde a cara nas mãos — mas o carneiro novo não cheira bem. Queres que te dê antes uma *soukmana* forrada de coelho preto ou então de coelho branco, branco como o leite?»

Olha-me com um arzinho simultaneamente espantado e malicioso, franze ligeiramente o sobrolho, e os lábios tremem-lhe por sobre os dentes brancos. Depois, o riso alarga-se dos cantos da boca até às faces e finalmente brilha em toda a cara da velhaquita.

«Então, porque te ris agora?

— Não é nada.

— Queres ou não uma *soukmana* forrada de coelho, de coelho branco? Que dizes a isso?»

Levanta-se de supetão, puxa a saia para baixo, torna a vestir a camisa.

«Não, diz ela. A dar-me uma tem de ser de esquilo.

— De esquilo? Como de esquilo?

— Sim, das que usam as senhoras...»

Contemplei-a. A cara resplandecia de egoísmo, um egoísmo singelo como a inocência. Esta mulher abraçava os desejos da alma sem pensar em nada, como se beijasse os pés de um santo. Ideias, princípios, nenhuns; a moral do falcão e as leis da floresta! Era cristã como um gato novo que por acaso faz com a pata o sinal da cruz no focinhito.

Teve a sua *soukmana* que eu lhe trouxe de Lemberg e — você vai-se rir de mim — amei esta mulher com uma bela paixão. Foi um verdadeiro romance. Ao primeiro tiro, ela acorria. Penteava-lhe os magní-

ficos cabelos com os dedos, lavava-lhe os pés na torrente e ela atirava-me água à cara. Era uma criatura estranha. A garridice dela tinha algo de cruel. Atormentava-me na sua humildade profunda como nunca orgulho de grande dama me atormentou depois. — Mas meu bom senhor, tenha piedade de mim, que quer que eu faça de si?... Sabia que fazia de mim tudo o que queria...

IV

O meu boiardo fez uma pausa. Calámo-nos ambos um pedaço. Os camponeses e o chantre haviam partido. O judeu apusera o frontal e adormecera com ele num canto. Entaramelava em sonho uma qualquer oração que acompanhava com uma sacudidela regular. A judia estava sentada diante do aparador com a cabeça nas mãos. Introduzira os dedos delgados na boca, semi-cerrava as pálpebras sonolentas, mas o olhar permanecia obstinadamente cravado no estrangeiro.

Este pousou o cachimbo e respirou profundamente.

«Será preciso que lne conte a cena que tive com a minha mulher? Você dispensar-me-á disso. Caiu numa certa languidez durante algum tempo. Eu ficava em casa lendo. Uma vez, atravessando o quarto,

disse-me a meia voz: «Boa-noite!» Quando me levantei já ela tinha desaparecido. Ouvi-a fechar a porta. Tudo acabara como sempre.

Nessa época, eu andava em litígio com o Senhorio de Osnovian. Antes de atrelar a justiça e de entregar as rédeas ao advogado, disse cá para comigo: farias melhor em atrelar os cavalos e ires lá tu mesmo. E que é que lá vou encontrar? Uma mulher separada que se retirara para as suas terras por horror ao mundo, uma filósofa moderna. Chamava-se a si própria Satana e era um amor de demoniozito, com uns olhos como dois fogos fátuos! Perdi naturalmente o processo, mas ganhei-lhe a simpatia.

Apesar de tudo não tinha deixado de amar a minha mulher. Muitas vezes, nos braços de outra qualquer fechava os olhos e persuadia-me que eram os seus longos cabelos húmidos e o seu lábio ardente, febril, que eu acariciava.

Entrementes, Nicolaïa delirava entre o amor e o ódio. O seu coração, como essas flores que só desabrocham à sombra, transbordava agora de ternura selvagem. Uma ternura que achava mil meios de se trair ao querer esconder-se demasiado. Um dia, pousa na escrivaninha uma carta que acabava de trazer o cossaco da minha amante e ri muito alto, mas o riso sufoca-se-lhe na garganta. Um espectáculo triste. Um amor excessivo afastara-me dela e

agora ela tinha sede de vingança porque o seu amor era desdenhado. Andava com passos precipitados e nervosos, gritava a sonhar, exaltava-se com os criados e os garotos.

Depois, de um momento para o outro, pareceu mudar. Dir-se-ia que se resignava. No seu olhar, quando pousava em mim, havia algo estranhamente saturado e, no entanto, às suas gargalhadas misturava-se uma espécie de nota dolorosa.

«É pena, disse-me um dia o guarda de caça, o senhor já não ir até à floresta. Descobri uma raposa nada longe daqui e galinholas — devo dizer-lhe que era a minha caça preferida — e além disso *ela* está lá, à espera perto da pedra. Não terá o senhor dó nenhum da pobre criatura?»

Agarro na espingarda e acompanho-o até ao último valado da aldeia. Aí, uma inquietação incompreensível apodera-se de mim. Deixo lá o guarda de caça e volto a casa quase a correr. Sinto-me envergonhadíssimo, mas ponho-me a andar em bicos de pés, escuto — Afasta várias vezes os cabelos da testa. — como é que lhe hei-de dizer? Abro de repente e vejo a minha mulher... «Incomodo?» pergunto, e torno a fechar a porta.

Que havia de fazer? Nós não somos Senhores. O alemão, esse considera a mulher uma vassala, mas nós tratámos com ela de poder contra poder. Aqui, o marido não tem qualquer privilégio. Há um único di-

reito para o homem e para a mulher. Se fizeres a corte às raparigas, suportarás que a tua mulher receba os galanteios do primeiro que aparecer. O mal é teu.

Retirei-me pois, e comecei a andar às voltas na antecâmara. O sentimento extinguira-se em mim. Era uma espécie de paralisia moral. Um só pensamento me vinha à cabeça: Não fizeste tu a mesma coisa? Não tens nenhum direito, nenhum direito.

O outro saiu por fim. Disse-lhe: «Meu amigo, não quis incomodá-los, mas então não vês que aqui é a minha casa?»

Tremia, a sua voz tremia também. «Faz de mim o que quiseres, respondeu-me.

— Que queres que faça de ti? Terás tu, por acaso, um mínimo de noção da honra? Vai ser preciso trocar um par de balas.»

Alumiei-o ainda até ao fundo das escadas, montei a cavalo e corri a casa de Leão Bodoschkan para lhe pedir que me servisse de testemunha. Ouviu-me sorrindo tristemente. «No fundo, é uma tolice, disse-me. Mas tranquiliza-te, ainda antes de amanhã tudo ficará em ordem. Faz-me apenas o favor de, em nome da nossa amizade, ler hoje mesmo estas folhas.» Deu-me então os papéis que há pouco lhe mostrei e que nunca mais me largaram depois. Um homem estranho!

Pus-me a lê-los. Não era preciso. Acabava de provocar o amante da minha mulher... simples formalidade. Sabia não ter razão. Mas a honra!... compreende. Estava seguro que não me acertaria: a quinze passos não distinguia um pardal de uma meda de feno. Eu atiro bem. Podia por isso vingar-me, matá-lo, ninguém poderia dizer fosse o que fosse. Não me sentia nesse direito e disparei para o ar. Para mim, eu era tão culpado como eles.

Primeiro pensei em separar-me da minha mulher, mas havia as crianças. É isso que nos ata em casais para toda a eternidade e nos precipita na tempestade como os danados do *Inferno* de Dante... Já notou o meu amigo como, por intermédio do amor, somos os eternos iludidos da natureza? Em princípio, o homem e a mulher foram criados para serem inimigos — compreende decerto o que pretendo dizer — e a natureza, por seu lado, não pensa noutra coisa a não ser na propagação da espécie. Nós, na nossa crédula vaidade, persuadimo-nos que ela tem em vista a nossa felicidade... isso sim! Desde que o filho surge, a felicidade e o amor desaparecem quase sempre e olha-se um para o outro como dois comerciantes que fizeram um mau negócio. Ambos foram roubados e ninguém enganou ninguém. Persiste-se obstinadamente na crença de que se trata de ser feliz e fazem-se censuras em vez de se acusar a natureza que, ao lado do amor, sentimento passageiro, colocou um sentimento tenaz, o afecto pelos filhos.

Não nos separámos, portanto. O outro não voltou a aparecer por lá, mas continuaram a ver-se em casa de uma amiga. Não faltam destas boas almas tão serviçais. Voltei a atirar às galinholas. Comecei então a encarar as mulheres como uma caça cuja perseguição é simultaneamente mais difícil e mais produtiva... Sabe como se atira à galinhola? Não? Pois bem, acima de tudo é preciso conhecer-lhe o voo. Ela levanta, faz três curvas em zigue-zague como um tontinho e parte a direito. É a boa altura: levo a arma ao ombro, aponto e apanho a minha galinhola. O mesmo se passa com as mulheres; se nos apressarmos muito, nada a fazer, mas se se der tempo ao tempo pode-se tê-las a todas.

Em casa, deixavam-me em paz. As crianças já andavam e, acredite-me, agora amava-as. Amava-as porque Nicolaïa as amava. Parecia-me, muitas vezes, que o nosso amor se tinha encarnado nelas: ei-lo a correr diante de mim, a cabriolar, a rir. Era como num sonho. Além disso, quero que me amem mais do que à mãe, que me amem só a mim. Ponho-os às cavalitas nos joelhos, recito-lhes os contos de fadas, trauteio-lhes as cantigas das ruas, conto-lhes histórias de caça.

Era verdadeiramente esquisito. Não lhe disse ainda que houve entretanto uma terceira criança, uma rapariga, o retrato vivo da mãe. Diz-se normalmente que as filhas saem ao pai e os filhos à mãe. Pois bem,

não é o que tenho observado! O mais velho é o avô; o mais novo não sei onde encaixá-lo: a minha mulher deve tê-lo apanhado num romance. Nem um nem outro têm o que quer que seja da mãe. É a rapariga que se lhe assemelha. Talvez porque ela não pensava senão em si, na sua vingança... O certo é que a miúda se prendeu a mim com ternura, sabendo muito bem que a destestava. Quando eu contava uma história, aproximava-se timidamente, sentava-se num banquinho num canto escuro, escutava, e apenas se viam os seus olhos brilhando. Por vezes ralhava-lhe e ela tremia. Quando partia, seguia-me com o olhar, imóvel. Quando chegava, corria à minha frente, assustando-se em seguida com tal ousadia. Um dia, o mais velho diz: «O urso acabará por devorar o pai». A miúda pula com os olhos rasos de lágrimas. Eu sentia isto como se fosse a minha mulher que viesse até mim e me pedisse perdão, a chorar... Uma vez chamei a garota, enrubesceu e fugiu. Pouco a pouco, no entanto, fomo-nos tornando um bom par de amigos.

Os meus rapazes não se pareciam nada comigo. «Gostarias de atirar à raposa? — Sim, papá, se a espingarda não fizesse tanto estrondo.» Ou então, acerca de um encontro com o urso: «Vinha direito a mim. Que pensas que fiz? — Puseste-te a correr com quanta força tinhas?» A miúda gozava-os. Às vezes paramentava-se com

uma pele de lobo e assustava os dois rapazes que se iam esconder nas saias da mãe. «Então não reconhecem a vossa irmã? — Mamã, respondiam os garotos, nestas alturas ela é um lobo de verdade. Os seus olhos chispam e uiva que mete medo.»

Nos dias em que me ausentava, a menina vagueava em casa como uma alma penada: «Oxalá que o papá não caia. — Porque havia de cair? — Oh! conheço bem os dois pretos, são animais fogosos. Ou pode encontrar um urso... — O papá apontará ao centro do peito, ao sítio da mancha branca, diz o meu filho com um ar competente. — E se falha? — Não falhará.»

Assim que se sente crescida quer acompanhar-me, atira-se ao chão a chorar. Acabo por a levar comigo. Eu tinha ainda a pequena espingarda de que se servira outrora Nicolaïa. Compro-lhe uma bolsa de caça e ei-la que parte em minha companhia. A miúda era valente como um homem. Que digo? Mais do que um homem. Como hei-de explicar isto? Quando se ouvia estalar os ramos: «E se nos acontecesse qualquer coisa?», dizia eu. A ela dava-lhe vontade de rir: «Ora, estou aqui contigo!» Só pensava em mim.

Em casa, vinha-lhe a febre; face ao lobo era calma como diante de uma galinha. E que bem nos compreendíamos! Por assim dizer, eu não tinha necessidade de falar Ela estudara os meus olhos, cada um dos

traços do meu rosto, o menor dos meus gestos. Não obstante, gostávamos de conversar. Quando a peça de caça tombava e Irena se ajoelhava para a estripar, ficávamos sentados lado a lado e o mundo era como um livro ilustrado que eu ia folheando sob o olhar da menina... da menina *dela*. Amava-a verdadeiramente e a minha mulher adorava-a, adorava-a tanto mais quanto a miúda se ia ligando cada vez mais a mim. Quando a levava, a minha mulher punha-se de joelhos, abraçava-a e dizia-lhe baixinho: «Fica comigo.» Mas a criança abanava a cabeça. Eu ria e, já afastado, em plena floresta, tal lembrança alegrava-me. Ficava contente por ter a garota junto de mim e por pensar que a mãe se roía de ciúmes em casa. Se Nicolaïa lhe dava um trabalho de costura a fazer, atirava-se à obra por simples pró-forma; porém, de súbito, abandonava tudo e corria a polir a minha espingarda. A minha mulher encarrega-a, por exemplo, de um recado; ela olha-me e não tuge nem muge. Um dia, Nicolaïa exalta-se: «Ele não é teu pai!

— Então também não és minha mãe», retruca a criança tranquilamente.

Ela empalidece, cala-se e a partir daí às vezes chora... Chorar, que tolice! A vida é tão alegre!»

Esvaziou o último copo de tokai de um trago. «Tão alegre! Lembra-se dos versos de... de quem serão? Do grande Karam-

sine. É verdade que é um Grande-Russo, mas não interessa, mantenho o epíteto — Passou a mão pelos cabelos:

Eis o fundo da sabedoria / Que a vida me ensinou: / O amor é mortal, / Nada pode impedi-lo de morrer.

Sê fiel e elas rir-se-ão de ti; / Elas mudam como a moda. / Troca, e excitarás o apetite.

Evita a cilada do himeneu; / Não te deleites por teres uma mulher tua. / Ama-as e engana-as a todas, / Para não seres enganado.

É assim mesmo... é preciso enganar para não se ser enganado.

Poderia agora contar-lhe as minhas façanhas amorosas. Todas as mulheres se me entregam: camponesas, judias, burguesas, grandes damas, todas! A loura, a morena, e a ruiva também... Aventuras todos os dias! Olhe, actualmente tenho uma moça casada, uma mulher com o diabo no corpo... Estou com a cabeça um pouco pesada... Há ainda uma outra, a viúva de um bandido. Não sabe ler, mas sabe amar... Dez mulheres ao mesmo tempo! Contudo, o coração nunca é envolvido. — Largou a rir com um riso amável que lhe mostrava os magníficos dentes brancos como o marfim. — E aliás, para quê o coração? É necessário que o homem possua um coração para os filhos, para os amigos, para a pátria, mas para a mulher? Ah!

Ah! Nenhuma me tornou a enganar desde que as engano a todas. Comédia patusca! Como nos adoram quando as fazemos chorar!

V

«E em que pé estão as coisas actualmente com a sua mulher?, perguntei-lhe depois de um longo silêncio.

— Somos polidos um para o outro... Às vezes, quando acontece lembrar-me... então... tenho uma enxaqueca... mas a esta hora estamos sempre alegres, alegres! Hurra!»

Atirou a garrafa contra a parede. O judeu acordou sobressaltado e puxou o frontal que lhe escorregara para o nariz.

«Ah! Agora sinto-me bem. — Desabotoou-se. — Sempre alegre! Isto é que é vida... isto é que é a felicidade.»

Levantou-se, deslizou para o meio da sala com os braços donairosamente apoiados nas ancas e começou a dançar a cossaca, acompanhando-se ele próprio com uma dessas canções bizarras, plenas de

ímpeto infantil e de selvagem melancolia. Quer quase se sentava no chão, atirando os pés como uma coisa incómoda, quer o via elevar-se e rodar sobre si próprio no ar. Estacou afinal, de braços cruzados no peito e sacudiu tristemente a cabeça. Agarrou-a por fim com força como se a quisesse arrancar e gritou como a águia grita quando dispara em direcção ao sol.

Nesse preciso instante, a porta abriu-se e entrou um venerando ancião, vestido com um *sierak* castanho, de longos cabelos brancos, bigode pendente e olhos astutos. Era Simão Ostrov, o juiz. Um sorriso desconsolado escorreu-lhe da face terrosa quando nos divisou.

«Há muito tempo que estão aqui, senhores?, inquiriu. A culpa não é minha, asseguro-vos.

— Então podemos partir?, perguntou o boiardo.

— Concerteza, respondeu o juiz Simão.

— É verdade que já é demasiado tarde, replicou o outro. Quero dizer, para mim. Mas o senhor, disse ele virando-se na minha direcção, o senhor por certo que aproveitará? Que Deus o acompanhe. Saúde é o que lhe desejo!»

A judia aproximara-se. Olhou-a sorrindo, tomou-lhe o queixo; ela tornou-se carmesim. O boiardo fez menção de sair, voltou e apertando-me a mão:

«Pois quê!, exclamou. A água vai dar à água e o homem reencontra o homem.»

Acompanhei-o até à soleira para o ver partir. Saudou ainda uma vez com a mão, antes da carruagem desaparecer. Virei-me para o judeu. «Ai, gemeu este, é um homem jovial, um homem muito perigoso! Chamam-lhe Don Juan de Kolomea.»

VOLUMES PUBLICADOS:

1. DECLARAÇAO DE GUERRA às Forças Armadas e Outros Aparelhos Repressivos do Estado — *Custódio Losa (Major Dissidente)*

2. A INSSURREIÇAO ERÓTICA — Autocrítica da Corporeidade Metafórica. *Seguido de:* Prolegómenos Portugueses a Uma Revolta Fundada Sobre o Amor — *Giorgio Cesarano/Diana Felgueiras*

3. HISTÓRIA DESENVOLTA DO SURREALISMO — *Jules-François Dupuis*

Composto e impresso
na Beira Douro, Lda.
Rua João Ortigão Ramos, 15-A a 17-B
1500 Lisboa
Abril de 1980
2.000 exemplares

ANTIGONA